



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9834 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT12 - Currículo

REFLEXÕES AUTOBIOGRÁFICAS PERFORMATIVAS SOBRE O ATO DE ENLUTAR
Virginia Maria Moreira Franco Starling Luiz Barcellos - UERJ - PROPED - Universidade do
Estado do Rio de Janeiro

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

REFLEXÕES AUTOBIOGRÁFICAS PERFORMATIVAS SOBRE O ATO DE ENLUTAR

Resumo: O trabalho mescla registros autobiográficos e perturbações no campo do currículo, interpelados pela fala do pesquisador Dominic Barter sobre o ato de enlutar. Guiada pela literatura pós-estrutural de Butler e Derrida pergunto: Com a reabertura das escolas ainda em situação de pandemia, é possível criarmos espaços coletivos para o luto?

Palavras chave: Pandemia; Luto; Escola.

O fim e o início

No dia 04/01/2021 perdi meu pai. Entre o seu adoecimento e o comunicado do hospital, foram poucos dias. Imediatamente após a sua partida, decisões precisavam ser tomadas. Me vi forçada a enfiar a faca da urgência e abrir a partida do meu pai, antes que o pior acontecesse. Mas eu já o tinha perdido. Que pior poderia acontecer que não chorar sua partida? Talvez fosse mais saudável para mim acolher a perda e aceitá-la. Poucos dias depois, o pesquisador de *comunicação não-violenta* (CNV) Dominic Barter, faz uma live no Instagram de título *Enlutar é preciso*¹. Nesse encontro, ele defendeu a importância de resgatarmos o ato de enlutar nos tempos atuais. Impactada, esse início de pesquisa é embasada nas ideias de autobiografia, assembleia e mobilização da vulnerabilidade de Judith Butler (2010) as minhas perturbações no campo da teoria do currículo, interpeladas pela fala de Barter.

Em tempos como os nossos, eu luto pelo direito de enlutar. Esse verbo tão desconhecido como pouco praticado. Mas por que é preciso viver o luto? Por que essa necessidade de viver algo que vai na contramão do que a sociedade contemporânea prega e valoriza? Por que forçar o movimento contemplativo do ato de enlutar ao frenesi da produção imposto pelo neoliberalismo? Afinal, o luto exige contemplação. E a sociedade, a produção e seu fluxo da irrefreável mudança de cada momento (BARTER, 2021).

Aprendi a não ignorar os mortos com meu pai. Ele tinha o hábito de, a cada velório, ler em voz alta um obituário feito por ele para que as pessoas "soubessem quem estavam

enterrando". Ele sabia que ignorar os mortos brutaliza os vivos. Que se faz necessária a homenagem porque reconhecia que não podia esquecer. Que é preciso resguardar o objeto perdido e a tristeza de quem fica, dar tempo para que se escolha o que lembrar e o que esquecer.

Mas por que escrever sobre o luto nesse momento? Um motivo é que mesmo na teoria, a gente sempre escreve sobre a gente. Sendo assim, e como também eu estou imersa em uma norma produtiva, busco aqui um espaço-tempo onde possa deslocar meu luto e afrouxar as leis dessa dança autobiográfica performativa.

O segundo motivo é a minha perspectiva do momento presente: até hoje², o Brasil perdeu oficialmente 449.185 pessoas por complicações devido à COVID-19. Famílias que nesse momento lidam com a saída definitiva de um, talvez mais pessoas de sua estrutura e buscam alguma forma de lidar com isso. O momento atual nos força a olhar o luto como ele realmente é: um ato coletivo, pois a perda de alguém não impacta somente uma célula, mas todo um coletivo de pessoas. Impulsionada pela pandemia, a cada minuto a morte nos chega mais perto. Como um coringa sem senso de humor, ela aponta uma lupa para as ibricagens políticas-econômicas-sociais (MACEDO, 2020). Se o luto é interligado, se as pessoas que perdem e são perdidas habitam também o espaço escolar, pergunto: por que não fazê-lo de forma coletiva? Qual o espaço do luto na escola? Como orquestrar os interesses presentes na agência, e os necessários ao corpo?

O luto não está relacionado só à morte mas diretamente à perda. Perda essa que nos põe em estado de fragilidade, uma vez que fundamenta a nossa interdependência e a nossa responsabilidade com o outro (RODRIGUES, 2001).

Estamos a 16 meses sem frequentar a escola como a conhecemos. 16 meses sem as brincadeiras de corredor, os esbarrões e os pedidos de desculpa, as festas, sem os abraços e confidências. O corpo sozinho vai até um certo ponto. Depois, ele precisa do coletivo. Um ano dentro de casa também é luto de vida perdida, pois nada gera mais alegria que o ato da experiência.

Em paralelo a isso, permanece o currículo exigido pela lógica do crescimento industrial. 16 meses de supostos conteúdos, avaliações e controle. Uma série de ações desastrosas, falindo por completo uma lógica de dominação capenga que nos obrigava a ter controle o tempo inteiro. A vida foge cada vez mais dos espaços chamados escola. Pois "não existe espaço para a vida onde o controle é bem vindo" (BARTER, 2021).

Gostaria de refletir brevemente sobre como o corpo registra o catastrófico descaso com a vida. Segundo Barter, frequentemente identificamos duas faces: o desespero e o ódio. Desespero sendo a ação negada internamente e o ódio sendo o desastre externo que registra aquilo que o corpo não tolera conter. O desespero só espera a voz autoritária da salvação para se transformar em ódio. E quanto queremos ler no ódio? Quais promessas o ódio nos faz?

Sob essa perspectiva, o ódio parece um excelente ponto de entrada. Mas ponto de entrada para que? Em uma sociedade, a disputa pela memória tem muitas faces (DERRIDA, 2004). Sendo assim, o ódio pode ser uma política da memória, marcada pelo peso do terror patriarcal. Porém se me angustia esse cenário, quando penso no afeto como vestígio para investigar a contemporaneidade e como antídoto para tantos venenos, entendo que a perspectiva feminista atual pode ser um laboratório muito interessante para tratar certas políticas conservadoras do afeto.

E o luto nisso tudo, onde entra? O luto está no corpo. O luto é orgânico. O luto, assim como o corpo e o humano é relacional (BUTLER 2010). Eu sou perigosa para os outros quando o luto é fechado em mim. Ele também quer falar, ele canta e chora. O luto precisa de companhia, gente e festa. O luto coletivo está presente nas festas populares. A comunidade que se organiza para nomear quem não está mais aqui, tem a coragem de viver a perda, qualquer que seja ela de uma forma transparente. Talvez até não entendam o papel crucial do luto na vida e na construção de uma cultura de não-violência, porém o fazem. Resistem durante o processo de deixar ir.

O luto não é negociável e saímos fortalecidos naquilo que persiste, quando entendemos a diferença entre o que é mutável e o que não é. Como diz Butler : "Excluir a morte da vida, representa a morte da vida." (2010, p. 37). E se o afeto é coletivo, por que não também o luto? É possível tecer novos conhecimentos e significações acerca da perda nesse contexto? Para que isso aconteça, é necessário viver o luto. O sentido do luto é a celebração da vida pela perda (BARTER, 2021). Um ato de tomada a força da nossa consciência que quando não acontece, ficamos suspensos em nossa capacidade de agir por conta desse luto não vivido. O luto manifesta uma interdependência quando faz visível que o que morreu faz parte de mim. Mas isso se torna não uma perda mas um deslocamento, quando o acolho essa precariedade constitutiva.

Butler diz que as perdas são necessárias para "proteger a vida dos vivos" (p. 53). Nenhum direito à vida pode evitar todos os processos de degeneração e morte. As decisões são práticas sociais, "e a afirmação de direitos surge precisamente onde as condições de interlocução podem ser pressupostas ou minimamente invocadas e incitadas quando ainda não estão institucionalizadas" (BUTLER 2010, p. 40). Uma demanda por criar espaços públicos de luto que ainda não existem pode ser uma possibilidade. E a escola pode ser um desses espaços. O desafio é que acumulamos esse esquecimento do processo de luto (RODRIGUES, 2001). Estamos mergulhados em uma cultura que não enluta e também não escuta. Onde a dor não vence as convenções sociais. Onde "os rituais viraram roteiros e não expressão" (BARTER, 2021) ocorrendo uma suspensão de um mecanismo de expressão que nunca se completa. Porém enlutar é um verbo, processo fisiológico no organismo. Sendo assim, o que estamos fazendo aos nossos corpos? Onde está a nossa própria humanidade que nos qualificaria para essa escuta?

Em um primeiro momento podemos pensar: Quais são as condições de amparo que alguém precisa para esse processo ser completo? Esse é um processo muito complexo para a escola dar conta! Porém gostaria de apontar que talvez, o luto nos seja mais familiar do que gostaríamos e sendo assim, capaz de nos conectar em uma real experiência de afeto e aprendizagem.

Um primeiro ponto seria que o luto é a prova desse tecido inquebrável que cai sobre mim e você. Me explico: reafirmando a ideia da convivência, você ressoa em mim e eu ressoo no outro. "Ao observar você, eu me preparo para o soco que você recebe. Eu reafirmo o meu compromisso de solidariedade, que vai além da identidade. O seu estado como ser vivo está registrado em mim" (BARTER, 2021).

Ainda segundo o autor, esse tecido está na base do pacto social. Há algo inegável que nos conecta, responsabiliza e revela a capacidade que temos de co-construir o nosso mundo. Dentro dessa perspectiva, acolher o luto dentro das escolas pode funcionar como um portal onde eu posso redescobrir visceralmente que isso é uma realidade factível.

Note que eu não digo, explorar, aprofundar ou outras palavras que sugiram ação e talvez isso seja um dos desafios de pensar o luto em contexto escolar: Como citado na primeira parte do texto, a natureza contemplativa do verbo nos mostra o potencial de mudança que esse momento contém, porém a exigência de continuar e os ciclos do organismo não são compatíveis. Nesse momento a fada da urgência novamente ataca. Nos dias de hoje, estamos o tempo todo produzindo. Isso é urgente. Mas urgente para que? Para quem?

Durante a pandemia, as redes sociais têm exercido um movimento curioso: Por um lado, permite que as pessoas se comuniquem respeitando os protocolos de distanciamento, a busca de informações confiáveis, a telemedicina entre outros. Por outro, mantém sua característica rápida, neoliberal e 'panóptica', vendendo histeria e um recorte bem seletivo de como as coisas são. Exemplos disso são a produção de um estado artificial de permanente alegria, ou a síndrome de FOMO atualizada para a enxurrada de lives e reuniões virtuais desse último ano.

Iniciada a campanha de imunização, embora ainda incipiente, acompanhamos o retorno às aulas presenciais e ao modelo híbrido. Se os meios digitais já borravam as fronteiras da casa e do trabalho, produzindo uma carga de trabalho e uma aceleração esquizofrênica do tempo como nunca vivenciado, com esse retorno, a tendência é que as pessoas acelerem ainda mais,

pressionadas para "correrem atrás do tempo perdido". A matéria perdida, as avaliações, o ano escolar, o vestibular. Mas perdemos muito mais que tempo. Perdemos vidas. E para isso se faz necessária revisão, olhar e escuta.

Então como tecer novos conhecimentos e significações na presença desse luto tão multi? Como deslocar um currículo que não é relevante para o hoje e menos ainda para o amanhã? Penso que seria necessário em primeiro lugar um sequestro da noção de tempo. Interromper a exigência normativa para que o tempo produza e não permitindo que ele observe, questione. Esvaziar todos os espaços com "eu sei", dando marca e mérito para o ser humano. E à medida que esse ser humano possa afirmar "eu sei", aí sim talvez, fechar os espaços de "eu não sei". Só aprendemos a partir dos espaços que não conhecemos. "O resto é decorar, não é aprender" (BARTER, 2021).

Para que isso fosse possível, a escola poderia ser um lugar não de produzir, mas para receber a escuta. Uma escuta empática, criando fluxos de apoio; Uma escola com espaço pra enlutar é algo que precisa ser redescoberto dentro de uma lógica alinhada com a vida.

E como viver esse luto coletivamente? Um exercício poderia ser a redescoberta do ato de ritualizar. Do ato de fazer expressão daquilo que não tem palavras. Quem sabe assim, atualizar lutos anteriores, todos tão iguais e ao mesmo tempo tão diferentes.

Enlutar é ação, processo. Um processo como o luto, quando alinhado com a vida, acolhido, pode ser uma conversa infinita com os nossos mortos. Mas falar sobre luto é falar sobre outra cultura e para isso, precisamos localizar um organismo saudável e equilibrado dentro de um contexto comunitário diferente. Por exemplo, o ato de testemunhar a maneira que a perda e o perigo que a ameaça da perda da vida está registrado em cada um, já é uma caminhada completamente diferente. Recuperar, nomear já é um compromisso coletivo de não negar. Se o fizermos coletivamente através do canto ou da oração, só a fala já é um ato de traição dessa lógica, ao recuperar esse vocabulário.

Conclusão

Como todo início de pesquisa, deixo mais perguntas que respostas, porém fica claro que a pandemia quebra a ilusão de uma vida sem morte. Também traz uma oportunidade de nos familiarizarmos novamente com o assunto da perda e da morte em nossa vida e na nossa educação. Algo que não é bem vindo mas extremamente importante. Como esse aprendizado pode nos ajudar a navegar um cenário novo e dinâmico tanto hoje como nos diversos amanhãs possíveis? Em uma sociedade onde nada nos acalma e fortalece para permitir que o luto aconteça, talvez seja necessário transformar o luto primeiro em um ato ético e político para enfim interromper e permitir a tristeza de quem fica. O Luto é a celebração pelo avesso. Sua celebração não é saudade, nostalgia ou referência àquilo que passou, ela é a própria continuidade, faz parte do paradoxo da morte, que a morte corta e ao mesmo tempo revela aquilo que não pode ser cortado, o que não termina. No luto eu retomo o meu tempo e o dedico a natureza, revelando que tenho alianças muito mais fortes e profundas das que tenho com o Estado, o Governo e normas de convivência na sociedade. Rompo com o pacto de desconhecimento intencional coletivo que fazemos na nossa sociedade e que nos desliga da nossa natureza. O inverso do luto é o ódio. O remédio do ódio, é o luto.

Referências

BARTER, Dominic. IGTV no canal @contatodominic (acessado em 17/01/2021)

BUTLER, Judith. *Corpos em Aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. 2ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2010.

DERRIDA, Jacques; ROUDINESCO, Elisabeth. *De que amanhã: diálogo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004.

MACEDO, Elisabeth. Aula expositiva da pós-graduação.

RODRIGUES, Carla. *A função do luto na filosofia política de Judith Butler*, 2001.
Disponível em

https://www.academia.edu/37972677/A_fun%C3%A7%C3%A3o_do_luto_na_filosofia_pol
(acessado em 20 de maio de 2021).

[1](#)IGTV de 17 / 01/2021 no canal
[@contatodominic](#).

[2](#)23/05/2021

[3](#)A FOMO é a sigla da expressão em inglês "*fear of missing out*", que em português significa algo como "medo de ficar de fora", e que se caracteriza por uma necessidade constante de saber o que outras pessoas estão fazendo, associado a sentimentos de ansiedade, que impactam fortemente as atividades de vida diária, assim como a produtividade no trabalho.